

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



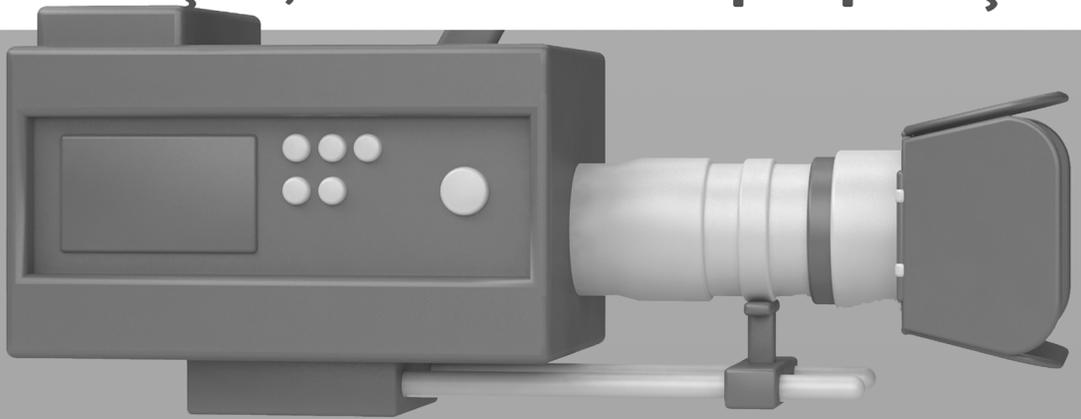
Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-155-5

DOI 10.22533/at.ed.555211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu primeiro volume, reúne vinte e três artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AFINAL, O QUE É PERFORMANCE ART? Ezequiel Martins Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5552110061	
CAPÍTULO 2	12
ASPECTOS ARQUETÍPICOS DA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA Filipe Mattos de Salles DOI 10.22533/at.ed.5552110062	
CAPÍTULO 3	24
DERIVAÇÕES POÉTICAS DO REAL Dinah de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.5552110063	
CAPÍTULO 4	36
DO SAMBÓDROMO AO CARNAVAL VIRTUAL: A FACE DA JESUS MULHER NA MANGUEIRA 2020 E NA DEIXA DE TRUQUE 2021 Tiago Herculano da Silva Fátima Costa de Lima DOI 10.22533/at.ed.5552110064	
CAPÍTULO 5	51
ENCARNAÇÃO DA BELEZA IDEALIZADA: O NU FEMININO CLÁSSICO À ANTIGA EM VENEZA, ENTRE SÍNTESES E INOVAÇÕES Tânia Kury Carvalho DOI 10.22533/at.ed.5552110065	
CAPÍTULO 6	67
LA VIRTUALIZACIÓN DE LOS CUERPOS: ENTRE LA DOCUMENTACIÓN EN ARTES Y LA PORNOGRAFÍA Andrés Felipe Restrepo Suárez DOI 10.22533/at.ed.5552110066	
CAPÍTULO 7	77
TEATRO DE ARENA: A ESTÉTICA DE RESISTÊNCIA DA SONORIDADE DO MUSICAL “ARENA CONTA ZUMBI” Dyonnatan da Silva Costa DOI 10.22533/at.ed.5552110067	
CAPÍTULO 8	88
A TRAVESSIA ARTÍSTICA EM AREIAS DO TEMPO: LIDANDO COM OS DESVIOS DA MATÉRIA FOTOGRÁFICA NO CIANÓTIPO Daniela Corrêa da Silva Pinheiro DOI 10.22533/at.ed.5552110068	

CAPÍTULO 9	99
VITÓRIAS E DERROTAS: ANITA MALFATTI NA HISTÓRIA DO MODERNISMO PAULISTA Eliane Honorata da Silva DOI 10.22533/at.ed.5552110069	
CAPÍTULO 10	110
TUNGA: SENTIDO DE UMA POÉTICA Wellington Cesário DOI 10.22533/at.ed.55521100610	
CAPÍTULO 11	119
ESPAÇO PARA GERAR ESPAÇO Gabriel Augusto de Paula Bonim DOI 10.22533/at.ed.55521100611	
CAPÍTULO 12	131
MOVERES: APONTAMENTOS E APROXIMAÇÕES EM CORPO, TEXTO E COREOGRAFIA Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque DOI 10.22533/at.ed.55521100612	
CAPÍTULO 13	141
O SERIADO CHAVES COMO EXPRESSÃO DA TEORIA FOLKCOMUNICACIONAL Mirian Martins da Motta Magalhães Fabiana Crispino Santos Suzzane Mary Mesquita de Lima DOI 10.22533/at.ed.55521100613	
CAPÍTULO 14	154
O LIVRO DE ARTISTA COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA Gabriela Garcia de Godoi Moreira DOI 10.22533/at.ed.55521100614	
CAPÍTULO 15	163
O MITO DE UMUKOSURĀPANAMI DA ETNIA DESSANA NO GRAFFITE DOS ARTISTAS CURUMIZ Kemerson de Souza Freitas DOI 10.22533/at.ed.55521100615	
CAPÍTULO 16	176
NOS CORREDORES DA CAIÇARA: “ENCAIÇARAMENTOS” DA ARTE POPULAR PELA AMAZÔNIA Ericky da Silva Nakanome Adan Renê Pereira da Silva DOI 10.22533/at.ed.55521100616	

CAPÍTULO 17	190
TAQUARAS, TAMBORES E VIOLAS: FAZERES MÚSICAIS EM NARRATIVAS AUDIOVISUAIS	
Alice Villela	
DOI 10.22533/at.ed.55521100617	
CAPÍTULO 18	197
VÍDEOS INDÍGENAS COMO CONTRANARRATIVAS HISTÓRICAS: BREVES CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE <i>JÁ ME TRANSFORMEI EM IMAGEM</i>	
Karlíane Macedo Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.55521100618	
CAPÍTULO 19	209
A BARQUINHA DE MESTRE DANIEL: ETNOGRAFIA DA MÚSICA DE UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA AYAHUASQUEIRA AMAZÔNICA	
Daniel Castro Montoya Flores	
Sérgio Nogueira Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.55521100619	
CAPÍTULO 20	224
ROQUE SEVERINO: UM AUTÊNTICO PROCESSO CRIATIVO MANAUARA EM CONTEXTO PANDÊMICO	
Luiz Augusto Martins	
Amanda Aguiar Ayres	
Jackeline dos Santos Monteiro	
Guilherme Alves Carvalho	
Diogo Sousa e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.55521100620	
CAPÍTULO 21	241
PROCESSOS DE TRANSMISSÃO MUSICAL DO FADO DE QUISSAMÃ: UMA ABORDAGEM ETNOMUSICOLÓGICA	
Fernanda Morales dos Santos Rios	
Marta de Oliveira Chagas Medeiros	
Giovane do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.55521100621	
CAPÍTULO 22	251
MEMÓRIA VOCAL RADIOFÔNICA: A NATUREZA DO BELO EM FONOGRAMAS DE CANTORAS ERUDITAS E POPULARES DOS ANOS 1940 A 1960	
Benedicto Bueno Gurgel Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.55521100622	
CAPÍTULO 23	260
MORDAÇA NA PUBLICIDADE: APONTAMENTOS SOBRE A SUSPENSÃO DE CAMPANHAS POR INTERFERÊNCIA POPULAR	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
DOI 10.22533/at.ed.55521100623	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	274
ÍNDICE REMISSIVO.....	275

CAPÍTULO 2

ASPECTOS ARQUETÍPICOS DA ARTE-EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM JUNGUIANA

Data de aceite: 01/06/2021

Filipe Mattos de Salles

Fotógrafo, cineasta, professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo aplicar os conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo de C.G.Jung à educação artística infantil, no sentido de esboçar uma análise que permita entender as fases e o desenvolvimento do potencial simbólico das crianças por esta abordagem. Neste sentido, entendemos que o artigo é um desenvolvimento de pesquisas prévias sobre conceitualização das experiências estéticas e sua necessidade inerente à psique. Como metodologia, traçaremos uma breve introdução sobre a relação de Jung com o universo infantil, e seguimos retomando conceitos antes depreendidos para uma melhor compreensão da linha de raciocínio, ao que se segue uma análise das etapas de desenvolvimento lúdico da criança frente à sujeição dos símbolos intuitivos arquetípicos, para ao fim concluir sobre a importância e a necessidade de tais vivências a nível sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Arte Infantil; Arte-educação; Psicologia analítica; C.G.Jung.

ARCHETYPAL ASPECTS OF CHILD ART-EDUCATION: A JUNGIAN APPROACH

ABSTRACT: The present work aims to apply the concepts of archetype and collective unconscious of C.G.Jung to artistic education for children, in the sense of outlining an analysis that allows understanding the phases and the development of the symbolic potential of children through this approach. In this sense, we understand that the article is a development of previous research on the conceptualization of aesthetic experiences and their inherent need in the psyche. As a methodology, we will trace a brief introduction about Jung's relationship with the children's universe, and we will continue taking up concepts previously understood for a better understanding of the line of reasoning, followed by an analysis of the stages of the child's playful development regarding the subjection of intuitives archetypal symbols, to conclude on the importance and the need of such experiences at a sensitive level.

KEYWORDS: Child education; Child Art; Art-education; Analytical Psychology; C.G.Jung.

INTRODUÇÃO

Sabemos que C.G.Jung deixou poucas referências diretas a seu método analítico para tratar da infância, e, conforme atesta Gomes (2017), seu trabalho se concentra majoritariamente na análise dos substratos psíquicos das fases adultas, enfatizando a segunda metade da vida, apesar de diversas citações específicas de casos infantis (JUNG

*et al.*1990; JUNG 2011), enquanto Freud, por outro lado, tem mais afinidade com a primeira metade. Entretanto, não devemos com isso depreender que as abordagens da psicologia analítica não possam ser aplicadas à infância, conclusão essa precipitada e algo limitadora sobre o potencial analítico da obra de Jung, uma vez que, se deixarmos por hora os aspectos puramente clínicos da análise, é perfeitamente possível uma aplicação generalizada dos conceitos junguianos à infância, uma vez que são características inerentes à nossa vida psíquica em toda a sua extensão. Por essa razão, é pertinente analisar as manifestações artísticas da primeira infância com base no entendimento deste acesso psíquico. Diferentemente das análises de Neumann (1995), Fordham (2002) e Feldman (2006), que procuram desenvolver uma teoria geral da psicologia analítica aplicada à infância, este trabalho tem um recorte mais modesto, focado exclusivamente no aspecto do desenvolvimento sensível, perceptível nas manifestações artísticas espontâneas da criança, e que podem nortear com mais elementos uma aplicação direta na chamada arte-educação.

CONCEITUAÇÃO DA ARTE

Para começarmos a entender os processos cognitivos da infância relacionados à expressão artística, convém estabelecer certos conceitos, para prevenir confusões de ordem técnica, ou ainda ligadas à inerente subjetividade do tema. A razão científica preza pela demarcação mais rigorosa dos conceitos utilizados, e neste aspecto é preciso formalizar aquilo que estamos nos referindo quando falamos de arte, uma vez que suas fronteiras são instáveis e frequentemente se esquivam de um olhar categórico. Em trabalhos anteriores (SALLES, 2016, 2019, 2020), procuramos estabelecer um critério objetivo que pudesse abarcar todas as manifestações do objeto 'arte', chegando num conceito amplo, justamente o que estarei considerando aqui: arte como um objeto (físico ou abstrato) que encerra uma experiência estética em si mesmo. E o que é uma experiência estética? Seria, a partir dessa abordagem, uma tradução sensível de um modelo arquetípico ideal. Apesar deste conceito não poder ser categorizado como uma definição formal, é bastante útil e merece breve recapitulação em sua formulação.

A proposição básica e resumida, fruto de longo desenvolvimento de pesquisa, é que a experiência estética é produto de uma interpretação, uma vez que o objeto em si mesmo não pode ser categoricamente definido como tal, dada a subjetividade constituinte de uma vasta gama de possíveis entendimentos. Portanto, partimos da plausível hipótese que o atributo estético deve ser dado pelo espectador em relação ao objeto, e não o contrário. Nossas pesquisas verificaram que tal suposição teria fundamento não apenas lógico, numa perspectiva filosófica, como também pode ser embasado pela pesquisa científica subjacente¹. Assim, este atributo estético seria uma instância sensível, que não

1 Dentre essas pesquisas, são dignas de nota as investigações realizadas pelo físico David Bohm (1998, 2011), que

apresenta causa empírica verificável nos aspectos objetivos ligados a funções biológicas, embora o sentimento advindo de uma experiência estética possa, pela via oposta, gerar consequências patológicas (MAGHERINI, 1990). E, portanto, atua diretamente com nossa natureza psicológica, que é identificada, na terminologia junguiana, com a energia psíquica (JUNG, 1999). Como o objeto em si está sujeito à subjetividade de interpretação, nos sobra postular um modelo de comparação externo, que precisaria existir para que, logicamente, o cérebro pudesse aferir um julgamento de valor. Este só pode estar numa instância anterior, energética, já que não é possível aplicar uma correspondência direta de um modelo físico a manifestações expressivas que a ele se referem, já que são objetos simbólicos. Conclusão: estamos, portanto, na circunscrição das energias psíquicas, cujas manifestações transitam por nosso inconsciente, provavelmente, como postula Jung, através dos arquétipos.

Disso decorre o que chamamos *experiência estética*, um sentimento de plenitude gerado pela contemplação de um objeto, que alcança correspondência energética com seu modelo arquetípico. Quando relacionado a um objeto específico, a maior ou menor proximidade ao modelo confere àquele um caráter artístico, igualmente de maior ou menor grau. A consequência é o sentimento de beleza a que chamamos arte. Eis porque as manifestações artísticas são subjetivas, em diferentes graus, cuja variável depende do próprio espectador. Igualmente, eis porque algumas manifestações artísticas são unânimes: possuem graus profundos de ligação com um modelo arquetípico que permeia todo o inconsciente coletivo da humanidade, encontrando ressonância em culturas totalmente diversas, independente de tempo e espaço.

Essa característica pode ser encontrada também em uma cronologia individual: é comum verificar, no decorrer de um tempo de vida, obras que nada diziam para alguém na infância, que passam a ter suma importância na adolescência, e deixam aos poucos esta importância na idade adulta (ou vice-versa), ou qualquer outra variação de humores neste sentido. Como a obra permanece a mesma, é de se concluir que a mudança é no observador.

Toda a explicação mais detalhada sobre estas instâncias deve ser aprofundada na literatura prévia mencionada, já que aqui não há espaço para retomar toda a fundamentação teórica envolvida. Assim, uma vez que consideramos arte desta maneira, podemos aplicar os conceitos às manifestações da criança.

A ARTE DA CRIANÇA

Mesmo considerando que Jung não se deteve longamente sobre o universo psíquico infantil, nem por isso deixou de pontuar, em diferentes momentos, sobre essa instância, ciente de que a tramitação energética dos arquétipos também estaria presente nesta fase, como se observa nas análises de manifestações espontâneas de desenhos e narrativas cruzam elementos da filosofia estética com modernas teorias da física quântica, além dos trabalhos de Magherini (op. cit.) e Jung (1991).

oníricas infantis (JUNG *et al.*, 1990; JUNG, 2011). Ele próprio cita, de maneira contundente: "A alma inconsciente da criança tem um volume incalculável e uma idade igualmente incalculável" (JUNG apud JACOBI, 1990, p.118). Essa citação esboça a profundidade dos conteúdos psíquicos inconscientes que permeiam nossa vida, e acabam por corroborar o aspecto de que a criança, pelo motivo exposto, não é *tabula rasa*, e sim um ser já com um desenvolvimento psíquico longínquo, que se perde numa herança inconsciente imemorial, uma vez que os sonhos infantis, carregados de conteúdos mitológicos e "prenhes de sentido" (...) resultado "dos derradeiros resíduos de uma alma coletiva prestes a desaparecer, que pelos sonhos repete os conteúdos eternos fundamentais da alma humana" (Idem).

Assim, não podemos dizer, em função de uma vivência temporal tão ínfima, que tais sonhos das quais emergem sentidos míticos tão evidentes se formam coincidentemente sem relação nenhuma com este arcabouço numinoso que permeia a psique humana. Na concepção junguiana, esta vivência é pré-consciente, de caráter primitivo, uma espécie de atualização de símbolos que serão vivenciados posteriormente na vida adulta, cuja autonomia o inconsciente faz brotar. "Podemos observar tal estado pré-consciente na primeira infância, e são justamente os sonhos dessa época que freqüentemente trazem à luz conteúdos arquetípicos extremamente importantes" (JUNG, 2000, p.158).

Na primeira infância, aquilo a que chamamos arte não é propriamente um objeto contextualizado, uma vez que a relação da criança com a sociedade em que vive está sendo construída, e quase toda a resposta sensível dada a um objeto estético é resultado de instinto arquetípico. A criança vive um universo cuja relação entre realidade e imaginação é ainda tênue, e sua capacidade de se relacionar é amplamente simbólica, não no sentido semiótico, mas no junguiano:

Qualquer conceito que explica a expressão simbólica como uma analogia ou designação abreviada de uma coisa conhecida é semiótica. Qualquer conceito que declara a expressão simbólica como a melhor formulação possível de uma coisa desconhecida – e, por isso, não podendo ser mais clara e acertada – é simbólica (...) Por isso é inteiramente impossível criar um símbolo vivo e carregado de sentido a partir de relações conhecidas. (JUNG *et al.*, 1990, p. 77).

Para a criança, mais do que para nós que temos uma 'contaminação social' dos símbolos impostos e arbitrados (estes sim, semióticos), a experiência estética se confunde com estes símbolos, sendo uma relação direta com os conteúdos inconscientes, que se expressam em representações arquetípicas muito definidas, e que só não podem ser representadas como objetos artísticos porque esbarram numa incipiência expressiva em função das capacidades motoras em franco desenvolvimento. Do contrário, os conteúdos arquetípicos transbordantes nas figuras seriam visivelmente nítidos para nós. É esta a razão do interesse da criança pelo lúdico, preferindo o conto de fada à narrativa documental, o desenho animado à teledramaturgia, o estilizado ao figurativo. São nestes símbolos que a energia psíquica se atualiza e promove o desenvolvimento de sua personalidade:

É lógico que algo psíquico só pode se tornar conteúdo do consciente após a sua apresentação, isto é, quando possui apresentabilidade, o que é precisamente uma imagem" (JUNG *et al.*, 1990, p.66).

Em outras palavras, Jung postula que a consciência só entende uma informação psíquica, quando apresentada sob a forma de uma imagem, ou ainda, que o meio de comunicação entre o inconsciente e o consciente é a imagem. É neste sentido que a criança entende a 'arte', algo que a faz compreender seus próprios pensamentos, aquilo que tem ressonância em sua estrutura anímica, em que, conseqüentemente, enxerga um modelo de 'belo' nestas conexões arquetípicas.

Assim, a sintaxe da imagem na infância é igualmente intuitiva, e a tendência comum nas primeiras garatujas em desenhar círculos são testemunho deste potencial, o que exprime sentidos arquetípicos profundos, que envolvem desde a noção de espaço e circunscrição até a energia dos ciclos e dos mandalas, o entendimento do fluxo contínuo da natureza. É por este motivo que as garatujas iniciais das crianças têm semelhanças muito grandes, independente de tempo e localidade geográfica. Esta é a beleza para a criança, e aí ela apreende, de forma intuitiva, o que é a experiência estética, para depois, com mais controle motor e maturidade abstrata, desenvolver deliberadamente uma representação em forma de arte. Uma aula de artes envolve, para ela, este potencial de descoberta de seu próprio Eu através da expressão física, quer seja corporal, sonora ou visual.

ARTE E EDUCAÇÃO

Como isso tudo se conecta com o aspecto educativo da arte, como se 'educa' arte? Em primeiro lugar, precisamos considerar as premissas iniciais, de que a arte é uma experiência estética advinda da relação pessoal entre uma expressão e um modelo ideal. Este modelo, apesar de único, é interpretado em diferentes graus, e portanto, em diferentes formas no decorrer do tempo e do espaço. Contudo, a conexão que fazemos com este ideal é natural e espontânea, pois estes ideais se apresentam em formas energéticas arquetípicas. A criança na sua primeira infância acessa tais arquétipos com uma facilidade muito grande, principalmente por não ter ainda as barreiras impostas pelos padrões sociais e culturais vigentes na sociedade em que vive. Assim, ela busca uma expressão espontânea de formas que traduzam os sentimentos de tais modelos arquetípicos que ela consegue conectar. Entretanto, a criança ainda não tem nem a percepção deste processo e nem ainda a coordenação motora necessária para uma expressão consciente, o que a impede de traduzir tais ideias em formas precisas e com contornos definidos (conforme Figura 1 abaixo). Então, por que podemos considerar essas formas de expressão espontâneas como arte infantil, se nem ao menos elas sabem o que é arte nem o que significa a palavra arte? Ao que parece, não se aplica uma conceituação de arte tal qual se aplica para nós: para elas, não se trata de representações; são realidades, vivências plenas, e para nós aquilo

nos parece 'arte' porque traduzem um ideal simbólico, que contém elementos sensíveis profundos, como a pureza, espontaneidade e liberdade; e portanto conseguimos ver o belo destas formas, não pelas formas em si, mas porque traduzem modelos arquetípicos. As crianças nesta idade, até os 4 anos, ainda vivem intensamente esta conexão com o inconsciente coletivo, e procuram aos poucos mesclar tais sentimentos autênticos com os padrões formais que percebem no convívio social em que crescem. O resultado é que vão ao mesmo tempo se tornando mais hábeis em relação aos aspectos motores, mas também vão absorvendo as formas que percebem em seu mundo exterior, mesclando a imaginação inconsciente com as formas conscientes, com técnica cada vez mais aprimorada, e este é um processo natural.

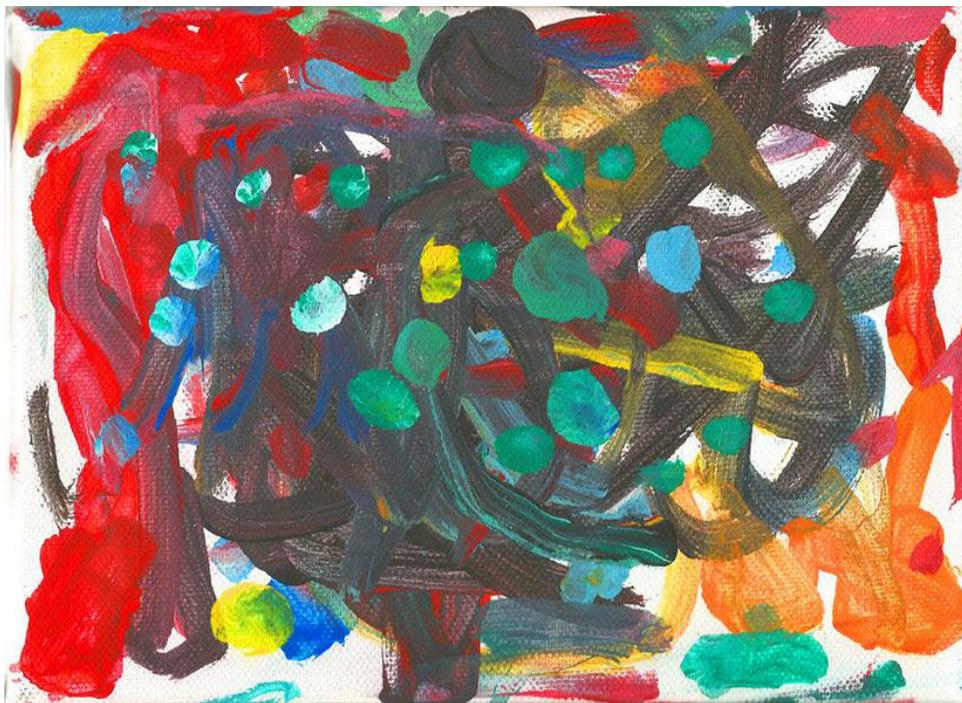


Figura 1: Isabela, 4 anos. Pintura à dedo sobre tela (16x22cm). Acervo pessoal.

O que significa arte-educação neste período? Significa permitir à criança o livre desenvolvimento de suas potencialidades sensíveis, através do exercício espontâneo da representação dos arquétipos que ela consegue acessar. Não temos, nesta fase, como pretender ensinar arte às crianças, porque o que elas fazem já é naturalmente 'arte', conforme consideramos em função da experiência estética envolvida. Ou, nas palavras de Rosa Lavelberg, "Desse modo, o poder atribuído à arte infantil no período orbita em torno da ideia de que sua criação nasce do mundo interno em diálogo com o externo, e não de

sua representação tal e qual." (IAVELBERG, 2018, p.79). Estaremos apenas ajudando seu desenvolvimento sensível, o que é de extrema importância para uma vivência criativa nos anos posteriores.

Entretanto, a partir dos 4 anos, a criança já tem condições de entender os próprios sentimentos, nomeá-los e compará-los. Nesta fase é natural que a criança procure modelos para entender sua própria psique, ainda de forma subliminar, mas principalmente na forma de bonecos, apreciação de desenhos animados ou brincadeiras com miniaturas de objetos de uso social e cultural (carrinhos, casinhas, jogos de chá, etc.). Ela precisa vivenciar tais brincadeiras no sentido de atualizar o conhecimento sobre si mesma, e ela o faz através de modelos arquetípicos (princesa, mãe, pai, heróis), principalmente atualizando esses conteúdos presentes nos mitos, contos e nas tradições folclóricas de cada sociedade, das quais a criança sente uma necessidade irrecusável de imitar. Já é possível introduzir, aos poucos, referências mitológicas que representam aspectos sensíveis puros, e começa aí o entendimento dos potenciais simbólicos das imagens, fábulas e das narrativas ancestrais. Elas são o passo que antecede a compreensão da arte, articulando a nível simbólico o potencial estético numa expressão criativa material, como um desenho ou um objeto. Ela já consegue até mesmo abstrair um significado para arte como uma expressão sensível e/ou agradável. Começar a mostrar obras icônicas da história da arte nesta fase é muito salutar, pois verificamos que já há resposta consciente sobre as representações de caráter estético, ou seja, a criança já distingue o modelo de sua representação. A importância da vivência nesta fase é fundamental, pois a repressão destes conteúdos pode levar a compensações drásticas, conforme Jung atesta: "Infelizmente, o lado mítico do homem encontra-se hoje frequentemente frustrado. O homem não sabe mais fabular." (JUNG, 1985, p.260)

Portanto, nesta fase é possível conduzir uma efetiva 'arte-educação', já não mais no plano puramente mental e sensível, mas também no plano das formas artísticas, e aí começam a entrar as diversas teorias de educação na arte, mas que, novamente, não se trata ainda de uma educação voltada a formar artistas do ponto de vista técnico, mas sim de desenvolver sensibilidades, uma vez que a arte é uma expressão sensível. A crítica que se faz comumente ao ensino de artes, sintetizada por Denise Nalini, de que

presenciamos cotidianamente as crianças expostas às imagens estereotipadas referendadas por uma indústria cultural com propostas como: colorir desenhos xerocados de super-heróis e personagens de desenhos infantis, (...) e desenhos vinculados as datas comemorativas como colar algodão no Papai Noel ou nas orelhas dos coelhos da Páscoa." (NALINI, 2015, p.49).

Não é necessariamente um caso digno de condenação absoluta; pois de certa forma nestas figuras estão mitos atualizados que encerram arquétipos fundamentais, e é preciso deixar vivenciar tais correspondências.

Mas é importante que eles não permaneçam estanques no imaginário infantil, trazendo também outras formas mais sofisticadas para contrabalançar uma eventual

pobreza estilística. Os estereótipos têm sua função e sua razão de existência, e não podem ser negados ou suprimidos sem consequências no equilíbrio psíquico. A tarefa do educador, antes de desautorizá-los, é ampliar o campo de percepção destes arquétipos em formas mais diversificadas, menos óbvias, trazidas de outras culturas, o que sem dúvida também contribuirá para a ampliação da percepção sensível da criança. Uma possível avaliação nesta fase não poderia ser feita com exigências técnicas, mas sim em relação à integração do potencial de expressão da criança, o quanto ela consegue absorver das proposições e torná-las objeto expressivo. Essa é a efetiva 'arte-educação', mostrar que o objeto em si atende a um modelo arquetípico maior, e, portanto, suscetível de uma experiência estética, quiçá artística. Nesta fase, a criança já identifica o sentimento estético em si, e a tarefa da educação seria a de direcionar para que um objeto possa ser entendido nesta dimensão. Embora possa parecer um critério subjetivo, um educador que acompanhe a criança consegue perceber a evolução de sua expressividade, em função do trânsito energético de sua psique na gradativa compreensão de seus próprios sentimentos associados aos arquétipos mais profundos. Deve-se frisar que esta vivência tem importância fundamental para o desenvolvimento psíquico de qualquer criança independente de quaisquer propensões ou pré-disposições técnicas para arte. Há crianças que desenvolvem mais o desenho, são mais hábeis para música e assim por diante, mas essa educação não visa formar artistas, e sim despertar o potencial sensível existente em todos, para aplicação prática em qualquer outra atividade ou fase da vida.

As fases naturais do desenvolvimento expressivo da criança atestam a gradativa incorporação de modelos formais pré-estabelecidos na sociedade em que está inserida aos modelos intuitivos de participação arquetípica, até que tais vivências conflitantes (consciente versus inconsciente) estejam equilibradas o suficiente para a criança poder prescindir da expressão simbólica inconsciente e passar a expressar tais aspectos de maneira direcionada e consciente. Esta etapa constitui uma transformação importante, onde começa um processo de individuação, por volta dos 7 até os 9 anos de idade, em que é saudável apresentar modelos artísticos relevantes para reflexão.



Figura 2: Clara, 7 anos. Pintura à dedo sobre tela (18x24cm). Acervo pessoal

Nesta etapa também é possível introduzir elementos técnicos com um aproveitamento muito mais efetivo, uma vez que há uma auto-sugestão de direcionamento, e a criança consegue canalizar o aprendizado técnico para refinar seu potencial expressivo. Os desenhos tornam-se muito mais definidos e cheios de significados conscientes; os componentes míticos retornam com a força de uma compreensão mais ampla, podendo inclusive identificar traumas e medos latentes que afloram com maior naturalidade. A criança desta fase pode e deve começar a seguir modelos: ela já consegue manter suas características sem prejudicar sua criatividade, e aprende sobremaneira com o desenvolvimento técnico de padrões pré-existentes, sem que isso seja um fator limitante (conforme Figura 2 acima). É apenas nesta fase que podemos instituir uma 'avaliação disciplinar', uma vez que é possível ter um retorno em critérios objetivos tecnicamente falando, dada uma proposição pré-definida em planejamento.

CONCLUSÃO

Se entendemos arte como uma expressão que encerra em si um caráter estético, portanto modulada segundo um modelo arquetípico, todas as manifestações infantis podem ser assim consideradas em sentido amplo, a não ser que estejamos nos referindo apenas às manifestações estéticas conscientes como tal. Mas trata-se apenas de uma questão

semântica. De qualquer modo, a arte da criança tem uma função compensatória dos aspectos conscientes e inconscientes, função esta natural e necessária para a formação psíquica individual que na idade adulta irá se manifestar. A busca inerente e intuitiva por este equilíbrio passa pela representação simbólica de formas inconscientes que se tornam aos poucos integradas à estrutura anímica, podendo aflorar em talentos artísticos ou não. O objetivo da arte educação, neste sentido, é fornecer subsídios plenos para capacidade de equilibrar os níveis sensíveis através das representações visuais ou sonoras, operando como mediadoras do trânsito consciente/inconsciente e favorecendo a integralização da estrutura psíquica. A isso podemos chamar de *Educação Sensível*. Consideramos que a arte-educação, até pelo menos os 7 anos de idade, tem muito mais este caráter amplo de educação sensível do que um ensino formal de artes, como encarado numa perspectiva tradicional. Casos específicos de talentos mais proeminentes em função de pré-disposições ulteriores podem levar ao desenvolvimento de uma personalidade artística, mas são observados neste caso interesses espontâneos mais profundos, fazendo com que a educação artística apenas acelere um processo que em si mesmo já seria natural. Para todas as demais situações, a arte educação constitui um elemento de importância capital para a percepção física e psíquica de nosso mundo, bem como da nossa capacidade de interação sensível, sendo uma educação sumariamente necessária.

A não observância dos potenciais energéticos envolvidos nestes processos tendem a transformar o ensino de arte numa atividade recreativa de menor importância, cuja tendência a longo prazo seria sublimar nossa capacidade de vivenciar potenciais energéticos através da fruição estética ou da expressão sensível. O mito, neste caso, perde a função de imagem arquetípica, e a resultante é (ou poderá ser) a perda do potencial sensível, potencial este que canaliza as energias estancadas da psique para a fabulação e a vivência mítica do homem:

Os pacientes que tenham talento para a pintura e o desenho podem expressar seus afetos por meio de imagens. (...) Aqui também se tem um produto que foi influenciado tanto pela consciência como pelo inconsciente, produto que corporifica o anseio de luz, por parte do inconsciente, e de substância, por parte da consciência. (JUNG, 2000, p.13).

A repressão deste ponto energético (o desenvolvimento do equilíbrio psíquico pela expressão através do prazer estético) pode representar, se não houver outro componente que a substitua, falta das energias regulatórias do aparelho psíquico; aparecem as insatisfações e as ansiedades, apego a doutrinas e dogmas, bem como a regras e convenções sociais, como tábua de salvação: sem a janela aberta na caverna platônica para vislumbrar o belo ideal, a energia psíquica ficaria estancada e, em seu próprio processo de auto-regulação, e precisaria apelar para algum outro artifício, no sentido de buscar novamente um outro ponto de equilíbrio da estrutura psicológica. Sem a arte, toda a necessidade da psique em dar vazão a este processo ficaria comprometida. Jung adverte, com propriedade: “Não havendo o mundo intermediário da fantasia mítica, o espírito fica ameaçado de congelar-se

no doutrinário” (JUNG, 1985, p.274). Ou ainda:

O homem satisfaz à necessidade da expressão mítica quando possui uma representação que explique suficientemente o sentido da existência humana no cosmos, representação que provém da totalidade da alma, isto é, da cooperação do consciente e do inconsciente. A carência do sentido impede a plenitude da vida e significa, portanto, doença. (JUNG, 1985, p.294).

Fica clara, portanto, a importância da arte e sua educação na cultura da humanidade, em qualquer suporte, época, ou meio de manifestação. A criança nada mais faz do que vivenciar plenamente esta representação, razão pela qual consideramos importante rever os processos pedagógicos de educação artística com base nestes conceitos, que, a um só tempo, não apenas desvelam um universo de manifestações artísticas infantis, como também explicam sobremaneira a necessidade patológica da atividade artística na esfera da humanidade.

REFERÊNCIAS

BOHM, David. **A totalidade e a ordem implicada**. São Paulo: Cultrix, 1998

BOHM, David. **Sobre a criatividade**. São Paulo: UNESP, 2011.

FELDMAN, Brian. A infância de Jung e sua influência no Desenvolvimento da Psicologia Analítica. **Cadernos Junguianos**, Revista da AJB, São Paulo, n. 2, p.127, 2006.

FORDHAN, Michael. **A Criança como Indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2002.

GOMES, Alessandro C. Contribuições da Psicologia Analítica à Psicologia e Psicoterapia Infantil. **IPAC – Instituto de Psicologia Analítica de Campinas**, 14 jul. 2017. Disponível em: <https://ipacamp.org.br/2017/07/14/contribuicoes-da-psicologia-analitica-a-psicologia-e-psicoterapia-infantil/>. Acesso: 22 jan. 2020.

IABELBERG, Rosa. O pensamento artístico modernista, a arte infantil e a educação artística. *In*: **Convenit Internacional**, São Paulo, 2018. **Anais [...] Universidade de São Paulo**, n. 27, p. 75-84, 2018. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit27/75-84Iabelberg.pdf>. Acesso: 09 dez. 2019.

JACOBI, Jolande. **Complexo, Arquétipo, Símbolo na psicologia de C.G.Jung**. São Paulo: Cultrix, 1990.

JUNG, Carl Gustav *et al.* **O Homem e seus símbolos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Seminários sobre sonhos de crianças**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAGHERINI, Graziella. **El Síndrome de Stendhal**. Madrid: Espassa Calpe, 1990.

NALINI, Denise. **Construindo Campos de Experiências**: Creche, Arte Contemporânea e a Poética das Crianças de 0 a 3 Anos. 2015. 218f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16122015-092949/pt-br.php>. Acesso: 10 out. 2019.

NEUMANN, Erich. **A Criança**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SALLES, Filipe. **A Ideia-imagem**: forma e representação na fotografia moderna. Curitiba: Appris, 2016.

SALLES, Filipe. O processo criativo da arte: uma abordagem junguiana. *In*: WCCA – XI World Congress on Communication and Arts, 2019, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2019, aguardando publicação.

SALLES, Filipe. Sobre a necessidade da arte: uma abordagem Junguiana. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, UDESC, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 430-447, jan./mar. 2020. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13070>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetos 21, 32, 63, 135, 140, 154, 161

Arte 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 34, 40, 43, 44, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 70, 72, 76, 77, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 134, 138, 149, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 188, 189, 222, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 250, 252, 257, 258, 264, 272, 274

Arte contemporânea 23, 24, 27, 104, 110, 164, 167, 174

Arte-educação 12, 13, 17, 18, 19, 21

Arte híbrida 110

Arte infantil 12, 16, 17, 22

Artes visuais 24, 25, 88, 97, 99, 105, 119, 122

Arte urbana 163, 164, 165, 167, 168, 173, 174, 175

B

Beleza clássica à antiga 51

Bioarte 67, 70, 71, 72

Boi-bumbá de Parintins 176

C

Carnaval 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 150

Chaves 134, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Cidade 6, 7, 27, 31, 32, 33, 34, 43, 55, 92, 101, 119, 120, 125, 126, 127, 129, 159, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 173, 174, 178, 179, 180, 181, 189, 191, 194, 211, 228, 229, 234, 256

Cinema indígena 197

Cirandas de Manacapuru 176, 177, 180, 185, 189

Comunicação 78, 86, 124, 135, 141, 142, 143, 144, 152, 193, 196, 213, 230, 232, 233, 239, 244, 249, 251, 253, 259, 260, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 273

Comunidade 37, 43, 46, 137, 138, 140, 142, 168, 200, 201, 204, 209, 210, 211, 213, 217, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 237, 238, 239, 240, 247, 265, 266

Contranarrativas históricas 197, 199

Corpo 3, 8, 9, 11, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 55, 58, 60, 62, 64, 95, 97, 110, 115, 116, 117, 118, 119, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 170, 171, 172, 174, 215, 226, 233, 234, 255, 269

Cuerpos 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Cultura 4, 10, 11, 22, 27, 32, 34, 50, 51, 52, 55, 75, 82, 86, 109, 112, 115, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 155, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 182, 188, 189, 198, 199, 200, 201, 206, 213, 216, 230, 232, 234, 235, 241, 243, 244, 249, 250, 252, 253, 255, 259, 268, 272, 274

Curumiz 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174

D

Dança 10, 46, 48, 124, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 180, 187, 241, 245, 249

Desejo 27, 31, 32, 45, 46, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 137, 268

Documentación 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Documentário 190, 192, 193, 194, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 245, 246, 247, 250

E

Escola de samba 36, 37, 39, 40, 41, 43, 47, 50

Espaço público 119, 125, 164, 168

Etnomusicologia 190, 191, 192, 195, 196, 213, 241, 242, 243, 244, 250

F

Fado de Quissamã 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Fazer musical 190, 192, 194, 213, 222

Ficção 24, 27, 28, 33, 112, 264, 271

Folkcomunicação 141, 142, 143, 144, 145, 152, 153

Fotografia 23, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 160, 170, 255, 257

I

Identidade 77, 130, 142, 150, 151, 154, 155, 162, 164, 173, 204, 233, 249, 250, 259, 268, 273

L

Leitura de imagem 163

Livro de artista 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

M

Memória 8, 24, 26, 27, 28, 30, 88, 89, 92, 106, 107, 154, 156, 175, 199, 201, 206, 228, 245, 246, 247, 250, 251, 255, 258, 259

Música 3, 5, 7, 10, 19, 57, 78, 79, 81, 83, 84, 86, 124, 134, 150, 151, 154, 161, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 237, 241, 242, 243, 244, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 259

N

Narrativa audiovisual 190

P

Performance 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 31, 32, 33, 45, 68, 74, 76, 110, 113, 136, 164, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 212, 223, 242, 243, 246, 248, 251, 257, 258, 259

Pintura modernista 99, 104, 106, 108

Política 10, 25, 32, 34, 36, 82, 129, 131, 132, 133, 136, 138, 146, 167, 174, 203, 204, 205, 206, 214, 232, 271, 272

Pornografia 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75

Processo de criação 88, 90, 91, 120, 132, 134, 216, 224, 229, 230, 236, 239

Processos artísticos contemporâneos 119

Psicologia analítica 12, 13, 22

Publicidade 260, 261, 269, 270, 271, 272, 273

R

Rádio 239, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259

Religião 41, 46, 162, 205, 209, 214, 237

Renascimento Veneziano 51

Representatividade política 36

Resistência 27, 28, 77, 82, 86, 198, 205

S

Sonoridade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 224, 236

Suspensão 29, 260

T

Tarsila do Amaral 99, 100, 108

Teatro de Arena 77, 78, 80, 82, 84, 86

Tempo 2, 3, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 22, 25, 27, 29, 30, 32, 35, 42, 53, 78, 80, 85, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 108, 109, 117, 121, 129, 132, 133, 143, 156, 157, 159, 160, 166, 173, 177, 178, 180, 182, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 220, 221, 231, 234, 239, 245, 248, 249, 253, 255, 257, 267, 268, 269, 271

Transmissibilidade 24, 26

Tunga 24, 27, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

V

Vanguarda 1, 9

Vênus 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 110, 111, 112, 113, 114

Vídeo nas aldeias 197, 199, 207, 208

Virtualización 67, 70, 71, 74

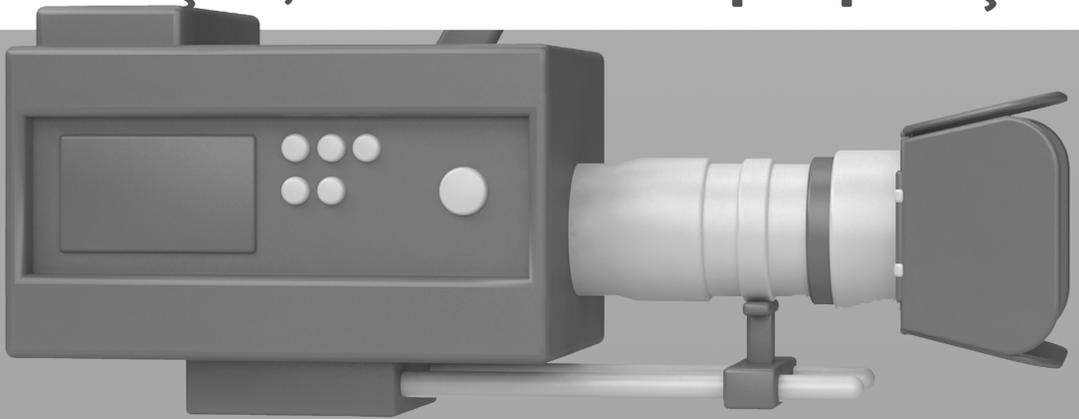
Vocalidade 251, 253, 256, 258

W

Walter Benjamin 24, 26, 27, 34, 272

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021